

O Anarquismo na geografia de Élisée Reclus

Rui Ribeiro de Campos,
da PUC-Campinas
ruicampos@puc-campinas.edu.br

Resumo: O artigo se propõe a fazer uma análise da presença da ideologia anarquista em obras de Élisée Reclus publicadas em língua portuguesa. Seus textos apresentam como núcleo central o desaparecimento de fronteiras, a solidariedade sem distinção de sexo e a abolição dos privilégios, do poder, da religião e do Estado. Reclus era antideterminista, anticlerical, antidarwinista social e favorável à igualdade de gêneros. Buscou explicar os problemas sociais por meio da Geografia, sem, contudo, compartimentá-la, e foi colocado no ostracismo por sua visão anarquista. O estabelecimento da luta de classes foi tratado como uma necessidade de qualquer análise geográfica; como também o processo de busca de equilíbrio e o papel fundamental da mudança dos indivíduos. Realizou uma análise geográfica da dominação política e insistia na necessidade de libertação. Em sua perspectiva, ciência e política estavam indissoluvelmente ligadas.

Palavras-chave: Élisée Reclus; anarquismo; geografia; liberdade.

APRESENTAÇÃO

Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905), cujo pai era pastor calvinista, foi enviado, aos 13 anos, a uma escola religiosa na Prússia para ser pastor. Teve problemas com os educadores, voltou à casa paterna e tentou fazer um curso de teologia protestante, do qual foi expulso por suas ideias republicanas. Aos 19 anos, retornou à Prússia para ser professor-repetidor e, em 1851, mudou-se para Berlim para cursar a universidade, sendo aluno do curso de Geografia ministrado por Carl Ritter. Nesse mesmo ano, em carta à mãe, escreveu sobre sua decisão de não ser mais pastor; entre outras coisas, afirmou:

[...] tempos virão em que cada homem será seu próprio rei e seu próprio pastor, [...] entre os homens não haverá nada além de influências recíprocas, vínculos de amor; cada um falará ao seu irmão das idéias que agitam sua mente, dos sentimentos que cruzam seu coração... não haverá quem governe ou conduza seus semelhantes [...] mas como alcançar esse futuro se não o

realizamos em nós mesmos, se descontentes recusamos todo rei ou pastor, não protestamos contra toda idéia interior que tenda a converter-nos a nós próprios naquilo que condenamos? (RECLUS, 2002, p. 11)

Durante esse período já se consolidara o núcleo central de suas ideias, com destaque para o desaparecimento de fronteiras, a solidariedade sem distinção de línguas ou “raças” e a abolição dos privilégios. De um de seus escritos juvenis era uma frase que aparecia em cabeçalhos de diversos jornais anarquistas:

[...] o nosso fim é chegar àquele estado de perfeição ideal no qual as nações não terão mais necessidade de estar sob a tutela de um governo ou de outra nação; e a ausência de governo é a ANARQUIA, A MAIS ELEVADA EXPRESSÃO DA ORDEM. Aqueles que não pensam que a terra deva um dia livrar-se de toda tutela não crêem no progresso, são reacionários. (RECLUS, 2002, p. 12)

Em 1851, quando Luís Napoleão deu um golpe e se transformou em Napoleão III, Reclus voltou à cidade de Orthez (onde seu pai morava) para impedir a adesão da guarnição local ao imperador. Consumado o golpe, fugiu para a Inglaterra e, temendo ser preso, mudou-se para a Irlanda; mas o país, devido à exploração inglesa, estava em crise. Como milhares de irlandeses, emigrou, em 1852, para os EUA, onde se empregou como estivador em New York, depois em uma fábrica de conservas e mais tarde como preceptor de três filhas de um grande fazendeiro escravista em New Orleans (Louisiana). Foi durante sua permanência nos Estados Unidos que ele rompeu definitivamente com a religião. O abolicionista ficou indignado em relação aos compromissos da igreja com os grandes fazendeiros escravocratas e tornou-se ateu.

[...] ele já havia decidido não ser pastor; recusando servir de guia de rebanho, mas ainda permaneceu crente. Quando esteve na Inglaterra, o espetáculo da hipocrisia do clero presbiteriano havia contribuído para desenvolver seus sentimentos anti-clericais. Mas foi na América que ele alcançou o ateísmo. (GIBLIN, 1998, apud HAESBAERT, 2006, p. 115)

Em 1855 mudou-se para Nova Granada (atual Colômbia); ali, impressionado com a grande extensão de áreas desocupadas, tentou desenvolver um processo de colonização com imigrantes europeus, mas nada conseguiu. Com a anistia (1856), em 1857 retornou à França; e iniciou efetivamente, nessa época, seu trabalho como geógrafo, passando a viver de seus escritos. Em 1862 ingressou na Sociedade Geográfica de Paris e, até 1871, viveu nesta

cidade como tradutor (dominava bem as línguas francesa, inglesa, alemã e russa), escritor de guias turísticos e de artigos para revistas, sem deixar de participar ativamente da vida política.

Era amigo, desde 1865, de Mikhail Bakunin e foi candidato (derrotado) à Assembléia Nacional, defendendo o fim do império e a restauração da República. Participou do coletivismo bakunista que pregava que o caos era criativo: “[...] o impulso destrutivo também é um impulso criador”. Bakunin “Combateu em barricadas e exaltou o caráter sanguinário da insurreição camponesa; ... mas a crueldade seria sempre um mal [...] e um grande desastre.” (COSTA, 1985, p. 15). Mas “*a revolução social não poderia fiar-se nos meios pacíficos.*” (Ibidem, p. 45). Bakunin fundou organizações secretas como a *Fraternidade Universal* (“de rígida hierarquia e férrea disciplina interna”) para combater qualquer tipo de autoridade, Estado e religião.

Também pregava a abolição total das classes sociais, a igualdade socioeconômica e política entre os dois sexos. O primeiro passo nesse sentido seria a abolição do direito de herança. Estimulou a violência através da “propaganda pela ação” (“la propagande par le fait”). O Estado deveria ser “[...] substituído por uma federação livre de associações que desfrutariam de liberdade de separação e garantiriam uma total liberdade pessoal.” (Ibidem, p. 23).

Élisée Reclus já participava, desde 1858, de “Liga da Paz e da Liberdade”, de Bakunin. Na Iª Internacional ficou contra Marx e Engels, contra os “comunistas autoritários ou alemães”. Karl Marx, em uma carta (1876), escreveu: “O que pensam os socialistas de língua francesa me desagrada profundamente. Eles são representados, bem entendido, pela triste figura dos irmãos Reclus, co-fundadores da Aliança e profundamente desconhecidos por suas obras socialistas.” (cit. por ANDRADE, in: RECLUS, 1985, p. 16). Engels, também em uma carta (1877), escreveu: “Élisée é um copiadador ordinário e nada mais”, sem a menor importância política (Ibidem).

Com o início da guerra franco-prussiana, Élisée Reclus alistou-se como soldado. Com a derrota de Napoleão III, instalou-se um governo capitulacionista em Versalhes, fato que provocou a organização da **Comuna de Paris** (1871), para lutar contra a Alemanha e o governo republicano reacionário. Reclus aderiu à Comuna, escreveu um manifesto em jornal criado por ele (*Le Cri du Peuple*), foi preso em uma fortaleza em Brest, julgado por um conselho militar de guerra que o condenou ao degredo perpétuo na Nova Caledônia (Melanésia).

Um movimento internacional de escritores e de Sociedades de Geografia a seu favor conseguiu a permuta da pena de degredo para a de exílio por dez anos. Exilado em 1872 na Suíça, assinou um contrato para escrever a *Nouvelle Géographie Universelle*, contrato que o proibia de abordar temas religiosos, políticos e sociais, pois o editor afirmou desejar o trabalho de um geógrafo e não de um anarquista.

Segundo Creagh, Reclus era um fervoroso adepto da mestiçagem, e via “[...] nisso um meio de progredir moralmente no curso inevitável rumo à complexidade, porque os casamentos mistos reduzem as tensões étnicas e nacionais e enriquecem as respectivas culturas.” (in: RECLUS, 2010c, p. 20) Criticava Darwin, mas sua maior dificuldade com este biólogo derivava da luta pela sobrevivência, da eliminação do menos apto, da “lei do mais forte”. Mesma razão para **refutar o darwinismo social**, que via como algo produzido pelos dominadores para justificar a opressão e a exploração.

Suas posições eram contrárias às de Malthus. Em *La Terre* (1869) escreveu:

Pode-se avaliar em 12 milhões de quilômetros quadrados, cerca da décima parte da superfície dos continentes, o conjunto dos espaços cultivados pelas mãos do homem [...]. É verdade que a maior parte desta vasta extensão é mais explorada por uma espécie de pilhagem do que seriamente cultivada. A população da Terra, avaliada hoje em um bilhão e 400 milhões de habitantes, poderia facilmente dobrar sem que o solo lhe faltasse, desde que fosse cultivado com inteligência. (RECLUS, 1985, p. 45/46)

Para ele, as condições naturais poderiam ser (relativamente) determinantes quanto menos avançada fosse a organização social. A influência das condições naturais variava de lugar para lugar e de época em época. Portanto, era essencialmente **antideterminista**. Era ainda **anticlerical**, sempre procurando criticar as ações das instituições religiosas, do presente e do passado. Como grande parte dos anarquistas, suas posições eram favoráveis à **igualdade de gêneros**. Em “O Homem e a Terra”, escrevendo sobre a língua, disse que, em todas, ela foi chamada – e com direito – de “materna”:

[...] as mães sempre foram as pacientes educadoras da infância. O pai permanece calado, mas a mãe repete os sons, ela se faz de papagaio para encorajar a criança a imitá-la. A mulher fornece o primeiro vocabulário, o primeiro caderno de canções, o primeiro elenco de contos; é ela que conserva e permite desenvolver todas as conquistas da humanidade. E, além disso, “tudo o que existe de verdadeiramente indispensável para se conduzir na vida nos foi

ensinado pelas mulheres: o sorriso, os gestos elegantes, a polidez, a arte de agradar". (RECLUS, 1985, p. 74)

Em suas obras, fez boas análises sobre capitalismo, colonialismo, mudanças sociais, urbanização, além de ver o mundo em sua totalidade e em suas dinâmicas. Nessas análises dos fenômenos, ele combinava numerosos fatores para apreender o mundo em toda a sua complexidade. O mundo não seria uma justaposição de elementos, mas um todo sustentado por interações constantes.

Em 1893 visitou o Brasil a fim de pesquisar material para o 19º volume da Nova Geografia Universal. Nessa visita, esteve em diversas regiões, como no Rio de Janeiro, onde visitou algumas instituições científicas e culturais. Parece que tomou conhecimento da experiência da primeira colônia anarquista no Brasil (no Paraná): a Colônia Cecília¹ (de 1890 a 1895), pois escreveu: "[...] notavelmente uma colônia de comunistas, quase todos italianos, que se fundou em La Cecília, perto de Palmeira [...]" (RECLUS, p. 346, apud CARDOSO, 2006, p. 11).

Em 1894 participou do grupo que fundou a Nova Universidade Livre de Bruxelas e começou (aos 64 anos) a ministrar alguns cursos como professor universitário. Em sua aula inaugural em Bruxelas, intitulada *Geografia Comparada no Espaço e no Tempo* (1894), iniciou com a afirmação de que "É a verdade que nos tornará livres!" e de que seria melhor se fosse uma entrevista, "conversações entre iguais". Esperava, assim, que os ouvintes fossem abster-se de crer em sua palavra: "Exporei fatos, mas vos rogando para verificar minhas palavras." (RECLUS, 2010a, p. 76) Iniciou com críticas às ciências que desenvolviam seus estudos isoladamente das outras e, após um levantamento sobre os "paraísos", os locais sagrados onde não haveria mais fome, sede, fadiga, servidão ou morte, afirmou que estava em uma era na qual os homens não possuíam mais fé para descobrir paraísos em algum local, mas conservavam ainda o direito da "busca da felicidade". E terminou dizendo:

Enquanto cristãos esperam ainda um milagre para que a terra divinize-se, sob o governo direto de um "Rei da Glória", outros homens de ideal pensam em humanizar a grande pátria, unir-se com ela de um modo mais íntimo, fazer dela uma residência de felicidade para todos aqueles que nela se encontram. (RECLUS, 2010a, p. 96)

1. Sobre esta colônia, ver: SCHMIDT, Afonso. *Colônia Cecília*: romance de uma experiência anarquista. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980 (1. ed.: 1942).

Entretanto, na Universidade Livre de Bruxelas, ele não deu muitas aulas em razão da vaga de atentados anarquistas da década de 1880.

O LIVRO ANARQUISTA DE RECLUS

No prefácio de *A Conquista do Pão* (de Kropotkin), Reclus afirmou: “[...] enquanto na terra ‘houver pobres’, é um gracejo de mau gosto, é uma ironia cruel dar o nome de ‘sociedade’ a este conjunto de seres humanos que se odeiam e se despedaçam como feras encerradas numa arena.” (RECLUS, in: KROPOTKINE, 1975, p.12) E escreveu ainda:

Mas, a reivindicação de todos os bens usurpados à comunidade, isto é, a expropriação, só o comunismo anárquico a pode realizar. E para isso teremos que destruir o governo, rasgar as leis, repudiar a sua moral, desobedecer à autoridade e seguir os estímulos da nossa própria iniciativa, agregando-nos segundo as afinidades, os nossos interesses, o nosso ideal e a natureza dos trabalhos a realizar. (RECLUS, in: KROPOTKINE, 1975, p. 13)

No mesmo texto disse:

Bem sabem eles que a lei é iníqua e mentirosa, que os magistrados são defensores dos fortes e tiranos dos fracos, que a conduta regular da vida e a probidade do trabalho nem sempre são recompensadas pela certeza de ter um bocado de pão garantido, e que a imprudência cínica do agiota e a crueldade insensível do penhorista são melhores armas e de resultados mais eficazes para a “conquista do pão” do que todas as virtudes e a honestidade de carácter. (RECLUS, in: KROPOTKINE, 1975, p. 15)

Reclus afirmou em um manifesto escrito em 1889:

Nós somos revolucionários porque queremos a justiça e porque, por toda a parte, vemos a injustiça reinar ao nosso redor. É em sentido oposto ao trabalho que são distribuídos os produtos do trabalho. O ocioso tem todos os direitos, mesmo aquele de causar a fome em seu semelhante, enquanto o trabalhador nem sempre tem o direito de morrer de fome em silêncio: ele é encarcerado quando é condenado por fazer greve. As pessoas que se chamam padres tentam fazer crer em milagre, para que as inteligências sejam escravizadas; pessoas chamadas reis se dizem descendentes de um senhor universal para serem governantes de tudo a sua volta; pessoas armadas por estes ferem, golpeiam com sabres e fuzilam como lhes aprouver; pessoas em togas pretas, que se dizem a justiça por excelência, condenam o pobre, absolvem o rico, vendem frequentemente as condenações e as absolvições; mercadores

distribuem veneno no lugar de alimento, matam no varejo ao invés de matar por atacado e tornam-se assim capitalistas honrados. (RECLUS, 2011, p. 107)

Em sua obra *A evolução, a revolução e o ideal anarquista* (1898)², seu livro de teoria política, denunciou preconceitos, hipocrisias,

Assim, quando vemos uma mulher pura de sentimentos, nobre de caráter, intacta de todo escândalo diante da opinião pública, caminhar em direção à prostituta e dizer-lhe: “Tu és minha irmã; venho aliar-me a ti para lutar contra o policial que te insulta e põe a mão sobre teu corpo, contra o médico da polícia que manda os beaguins te prenderem e te viola em sua visita médica, contra toda a sociedade que te despreza e te humilha”, nenhum de nós atém-se a considerações gerais para regatear seu respeito à valente evolucionista em luta contra a impudência do mundo oficial. (RECLUS, 2002, p. 24-25)

Na mesma obra analisou grandes períodos e fatos históricos, do passado até o presente, demonstrou que defensores da Reforma Protestante agiram do mesmo modo que os católicos e que

É em nome da liberdade, da igualdade e da fraternidade, que se cometem, doravante, todas as maldades. Era para emancipar o mundo que Napoleão fazia seguir atrás dele um milhão de degoladores; é para fazer a felicidade de suas caras pátrias respectivas que os capitalistas constituem as vastas propriedades, constroem as grandes fábricas, estabelecem os poderosos monopólios que restabelecem, sob uma nova forma, a escravidão de outrora. (RECLUS, 2002, p. 36)

E insistiu na necessidade de o verdadeiro revolucionário estudar e conhecer os fatos: “Não aceitamos verdade promulgada: fazemo-la nossa, antes de mais nada, pelo estudo e pela discussão, e aprendemos a rejeitar o erro, tivesse ele mil selos de garantia e certificados.” (Ibidem, p. 52) Segundo ele, a história mostrava que toda obediência era abdicação e que toda servidão era morte antecipada; mas também que séculos de descobertas foram sempre aqueles em que os poderes religiosos e políticos se encontravam enfraquecidos por competições e que em sua época a característica básica era a onipotência do dinheiro. Fez críticas ao domínio do capital:

Sim, se o capital, sustentado por toda a liga dos privilegiados, conserva imutavelmente a força, seremos todos escravos de suas máquinas,

2. “Nunca nenhum progresso, quer seja parcial ou geral, realizou-se por simples evolução pacífica; sempre se fez pela revolução brusca. Se o trabalho de preparação se opera com lentidão nos espíritos, a realização das idéias tem acontecido abruptamente: a evolução se faz no cérebro, e são os braços que fazem a revolução.” (RECLUS, 2011, p. 107/108)

simples cartilagens unindo os dentes de ferro às árvores de bronze ou de aço; se às poupanças reunidas nos cofres dos banqueiros acrescentam-se incessantemente novos despojos, administrados por associados responsáveis somente diante de seus livros contábeis, então, seria em vão que apelaríeis à piedade, pois ninguém ouviria vossas lamentações. O tigre pode desviar-se de sua vítima, mas os livros de banco pronunciam sentenças sem apelação; os homens, os povos são esmagados sob esses pesados arquivos, cujas páginas silenciosas contam, em números, a impiedosa obra. (RECLUS, 2002, p. 80)

Expôs o ideal anarquista como evolucionista e revolucionário, criticou a instituição “justiça”, o “exército”, as palavras como “ordem”, “patriotismo” ou “paz social” e os partidos que conquistavam ou desejavam o poder, pois os revoltados de ontem se tornariam os conservadores do dia seguinte. Não poupou nem os socialistas: “Certamente, os socialistas, tornados os senhores, procederão e procedem da mesma maneira que seus antecessores republicanos: [...]” (Ibidem, p. 84)

Condenou a educação realizada nas escolas por religiosos, por serem os mesmos inimigos da ciência e ocultadores de fatos. Afirmou que era fora da escola que mais se instruía, mas valorizou a escola com diferentes concepções de educação:

É certo, o ideal dos anarquistas não é suprimir a escola, ao contrário, fazê-la crescer, fazer da própria sociedade um imenso organismo de ensinamento mútuo, onde todos seriam simultaneamente alunos e professores, onde cada criança, depois de ter recebido “noções de tudo” nos primeiros estudos, aprenderia a desenvolver-se integralmente, segundo suas forças intelectuais, na existência por ela livremente escolhida. (RECLUS, 2002, p. 108)

Afirmou ainda que, “Sem dúvida, aqueles que dispõem de riqueza têm mais facilidade do que outros para estudar e instruir-se, mas possuem também mais facilidade para perverter-se e corromper-se.” (Ibidem, p. 47). Mas a libertação cabe a cada um, principalmente aos que se sentem oprimidos e que são solidários. “*Para combater é preciso saber.*” Por isso que a primeira condição para a obtenção de triunfo é livrar-se da ignorância.

Disse que “[...] é preciso reivindicar para todos os homens não somente o alimento mas também ‘a alegria’, [...]”. (Ibid., p. 67) Pregava o fim de qualquer tipo de dogma, de intervenção sobrenatural, de chefia, de obediência e o direito de todos de exprimirem seus pensamentos sobre todas as coisas, tendo como única reserva o respeito pelo outro.

[...] no choque das idéias – a única coisa que deve nos preocupar, visto que a própria vida depende dela – todo abandono de princípios resulta forçosamente na derrota. [...] É a seiva que faz a árvore e que lhe dá suas folhas e flores; é o sangue que faz o homem; são as idéias que fazem a sociedade. (RECLUS, 2002, p. 89 e 93)

No prefácio de *A Conquista do Pão*, escreveu:

Quando não houver nem pobre nem rico, quando o famélico não olhar com inveja o repleto, a amizade desinteressada tornará melhores as relações dos homens e a religião da solidariedade, hoje asfixiada, substituir-se-á a esta religião vaga e fictícia que cria alucinadamente quiméricas personagens na vacuidade imponderável do céu. (RECLUS, in: KROPOTKINE, 1975, p. 16)

Ele conferia ao anarquismo um conteúdo positivo, principalmente ao anarquismo coletivista fundado no apoio mútuo. Evitava propor dogmas e sempre enxergou as possibilidades de retrocesso.

A VISÃO ÁCRATA NA OBRA “A TERRA”

A visão política de Reclus sempre esteve inscrita em suas obras. Em *La Terre* (1869, dois volumes), um tratado a respeito do que rotulam de *geografia física*, procurava analisar dinamicamente as relações entre o homem e a natureza, admitindo a primazia do primeiro. Ao mesmo tempo em que abordava os fenômenos físicos, procurava salientar a ação do homem como um modificador da natureza, como aquele que pode dominar e transformar a natureza. Refutava o determinismo fisiográfico e, quando procurava demonstrar o domínio do homem sobre a natureza, colocava as condições naturais como o meio estático e as sociais como o meio dinâmico.

Nessa obra afirmou que a força do homem se media pelo seu poder de acomodação ao meio. Na medida em que se desenvolveram em inteligência e liberdade, os homens souberam reagir e se transformaram em “agentes geológicos”, modificando diversas esferas da natureza, dando à superfície terrestre “maior diversidade de aspectos”. Antes de se apropriar do solo pela ciência, o homem o fez pela cultura.

Ronald Creagh, em artigo no livro *Do Sentimento da Natureza nas Sociedades Modernas* (RECLUS, 2010c), destacou que em sua obra “O leitor é convidado a descobrir sua solidariedade com o meio, a importância do apoio mútuo, a riqueza da mestiçagem social, em resumo, é convidado a

um percurso coletivo suscetível de conduzir a humanidade a uma perfeição complexa nunca alcançada.” (in: RECLUS, 2010c, p. 10/11) No mesmo livro Reclus escreveu que

Ninguém duvida de que se nos colégios as crianças não tivessem de sofrer essa rude disciplina que tem quase sempre por resultado o enfraquecimento de toda individualidade, e se o estado militar não viesse em seguida, com sua disciplina ainda mais terrível, tomar por centenas de milhares e reduzir à obediência passiva os jovens mais fortes e mais aventureiros, as populações francesas desempenhariam na história das viagens e das descobertas o grande papel ao qual os destinava a admirável posição de seu domínio, [...]. (RECLUS, 2010c, p. 69)

E também dissertou sobre o problema de escravos não poderem compreender a beleza da terra sobre a qual ocorria sua vida miserável. Lamentava o fato de a ignorância, a miséria, o medo, o amor pelo lucro terem obscurecidos os espíritos e ocultado, em parte, a beleza da Terra.

Do mesmo modo, a maioria dos *conquistadores* espanhóis e portugueses, esses homens tão grandes por sua audácia, tão atrevidos por sua crueldade, parece não ter visto essa admirável natureza do Novo Mundo, em meio à qual eles encontravam-se inebriados como por magia. [...]; seus ávidos olhos só buscavam as veias de ouro nas profundezas das rochas e do solo. (RECLUS, 2010c, p. 67)

As paisagens eram recortadas e vendidas aos mais abonados; quase tudo de bonito podia se transformar em propriedade particular; “Empreendedores apossam-se das cataratas, cercam-nas de tapumes para impedir os viajantes não-pagantes de contemplar o tumulto das águas, [...]” (RECLUS, 2010c, p. 86) A natureza era profanada pelos especuladores justamente por causa de sua beleza.

A obra humana poderia embelezar ou degradar a natureza. Entre as causas que já fizeram desaparecer civilizações,

[...] deve-se contar em primeira linha a brutal violência com a qual a maioria das nações tratam a terra nutriz. Abatiam as florestas, faziam secar as fontes e transbordar os rios, deterioravam os climas, cercavam as cidades de zonas pantanosas e pestilentas, depois, quando a natureza, por eles profanada, tornara-se-lhes hostil, eles a odiavam, [...]. (RECLUS, 2010c, p. 91)

Para ele, era “[...] preciso que o estudo direto da natureza e a contemplação de seus fenômenos tornem-se para todo homem completo

um dos elementos primordiais da educação; [...]” (Ibidem, p. 92) Portanto, o sentimento pela natureza, assim como pelas artes, se desenvolvia por intermédio da educação.

Agindo de modo muito impaciente para desfrutar, demasiado indiferente ao destino das próximas gerações, o homem não conservava a beleza da Terra. E com uma visão antecipada de equilíbrio ecológico afirmou: “Libertas, graças à intervenção insensata do homem, dos pássaros que lhes faziam guerra, as tribos dos insetos, formigas, cupins, gafanhotos crescem em número de maneira a tornar-se, eles também, verdadeiros agentes geográficos.” (RECLUS, 2010a, p. 63) Não era contra qualquer intervenção humana na natureza; pelo contrário, elogiava as mudanças feitas de modo adequado. Se a intervenção era em benefício da maioria, chegou a afirmar que se tratava “[...] de conservar, aumentar, inclusive, a beleza exterior da natureza, devolver-lha quando uma exploração brutal já a fez desaparecer.” (Ibidem, p. 70) Entretanto, os que estavam naquela época na vanguarda, se preocupavam muito pouco com o embelezamento, pois eram muito mais industriais que artistas, preferindo “a força à beleza”. Nessa obra ressaltava a importância do apoio mútuo e convidava o leitor a um percurso coletivo que seria capaz de conduzir a todos a uma perfeição.

A NOVA GEOGRAFIA UNIVERSAL

Na obra *Nouvelle géographie universelle* (1875 a 1892, 19 volumes, 17.873 páginas), escrita sob a vigilância política do editor, Reclus dividiu a Terra em grupos de Estados, descrevendo, com detalhes, os aspectos físicos e os sociais, como a utilização do espaço geográfico, as relações de classe existentes, a rede urbana, e outros. No estudo de áreas próximas, como a França, evitava análises políticas mais profundas, o que não ocorria quando analisava áreas distantes, como a China ou a Índia. Nestas áreas analisava as relações com o colonizador, as formas de dominação, chamando a atenção para fatos tais como os problemas da formação de classes sociais e a existência, no mundo colonial, de um grupo minoritário dominante de origem local e aliado ao dominador, que era quem se beneficiava da dominação.

No volume oito analisou a Índia, uma colônia de exploração inglesa. Discorreu sobre a estrutura de poder, como poucos dominavam tantos; como poucos ingleses desorganizaram a economia local, obtendo matérias-primas a baixos preços e um grande mercado para seus excedentes maquinofaturados,

e dominaram uma população numerosa. “Vários distritos de cem mil habitantes são governados por um único inglês, contra cuja vontade não há apelação e que não tem outro juiz além de sua consciência para aplicar leis de uma terrível severidade.” (RECLUS, 1985, p. 121)

Analisa a função das estradas de ferro construídas em território indiano, pelas quais as poucas tropas britânicas podiam “[...] ser rapidamente concentradas e dirigidas para os pontos perigosos: mais do que compensaram a massa, pela velocidade dos movimentos.” (Ibid., p. 124) Recrutavam pessoas de grupos nativos, mas as deixavam em separado e com fraca artilharia. Dessa forma, os “regimentos” nativos

[...] não mantém entre si nenhum laço de nacionalidade, de língua, de patriotismo, e as castas que os compõem são agrupadas de forma a se equilibrarem e a se neutralizarem em caso de dissensões [sic] intestinas. [...] Todos os oficiais hindus ou maometanos começam por servir nos regimentos ingleses a fim de aí serem disciplinados e levarem aos seus compatriotas os costumes do exército britânico. (RECLUS, 1985, p. 124)

Além disso, uma área dividida em mais de 150 Estados, com príncipes vassallos com algum exército, o governo britânico limitou o número de soldados mantidos por estes príncipes, não lhes deixava chegar armas mais eficazes e dava aos descendentes destes senhores uma “educação política de conformidade com os interesses da Inglaterra”. Relatou a antipatia existente entre os indianos e os colonizadores, os monopólios exercidos pela Grã-Bretanha e, em tom irônico, disse que a Inglaterra tinha se dado por missão “[...] civilizar os indianos e elevá-los, gradativamente, à dignidade de homens livres; mas, enquanto espera que essa obra se concretize, a rica Grã Bretanha vive às expensas do pobre Índustão: [...]” (Ibid., p. 126) Os indianos, segundo ele, estavam muito divididos em castas inconciliáveis para que se pudesse “despertar à idéia de pátria e reivindicar sua independência comum”.

No capítulo que se referia ao Brasil criticou as técnicas do censo de 1890³, o caráter primitivo dos processos agrícolas aqui existentes e o desgaste dos solos por eles provocado, a concessão da exploração da malha ferroviária a empresas estrangeiras e a inadequada divisão político-administrativa do país. Analisou a importância da cultura do café e o perigo, devido a oscilações

3. Afirmava que o censo de 1890, desprezado em alguns estados, “[...] compreendia um longo questionário onde havia colunas relativas aos ‘defeitos físicos’ e aos ‘haveres’; por isso, altos personagens, até legisladores, deram o exemplo de negar a resposta. Em toda parte os números indicados pelos recenseadores foram inferiores à realidade.” (RECLUS, 1985, p. 167-168).

internacionais de preços, da dependência de uma única cultura de exportação; falou da existência de grandes propriedades rurais improdutivas, causadoras do empobrecimento da maioria da população da zona rural e discutiu a necessidade de o governo incentivar as pequenas lavouras. Escreveu que

O pessoal empregado nos trabalhos agrícolas e industriais da fazenda compreende centenas de famílias, que vivem em casinhas cujo aspecto mesquinho recorda os maus dias de escravidão. De ordinário sem jardins, os casebres pouco asseados alinham-se em uma ou duas filas, formando quadrado; como a soldados em revista, e dum lancear de olhos o feitor pode tudo fiscalizar. (RECLUS, 1985, p. 176).

Lembrou que o Brasil foi o último país do hemisfério ocidental a abolir a escravidão. Para ele, a Constituição brasileira havia quase que servilmente imitado a dos Estados Unidos e era inadequada às tradições, aos costumes, à herança da colonização portuguesa. E deduziu que “É assim que os poderes reais dados ao do presidente dos Estados Unidos e por imitação ao do Brasil, levaram logo o governo a prática da ditadura. Desde seu começo aliás, o poder nascido da revolução foi uma autocracia militar.” (RECLUS, apud CARDOSO, 2006, p. 12) Analisou o processo da proclamação da República, mostrando que foi apenas uma mudança formal, pois as estruturas anteriores foram mantidas.

Em um capítulo chamado “Relações da China com o Exterior” falou sobre a importância da propagação da língua inglesa na preponderância regional, assim como anteriormente haviam dito sobre a francesa em outras áreas, das emigrações chinesas e de suas características (ou da exploração sofrida pelos mesmos) e da diferença que existia entre a emigração chinesa e a europeia: aquela era composta quase exclusivamente por homens.

Dessa partida de tantos jovens e tão poucas moças resultou um fato doloroso, calamidade das províncias litorâneas do sul, [...], o principal reduto da emigração chinesa: a prática do infanticídio se tornou frequente – infanticídio de meninas, bem entendido. Inúmeros pais, que só viam futuro para as filhas no casamento – e não há outra opção na China – preferiam matá-las a vê-las ficarem solteiras. (RECLUS, 1985, p. 136)

Também analisou a penetração das relações capitalistas nos povos primitivos, nos quais o sistema de autossubsistência estava sendo substituído pelo de trocas. E, apesar de ter se empolgado com o *progresso*, já notava que o mesmo trazia grandes benefícios aos setores dominantes e inúmeras

desvantagens para os pobres e para os países colonizados. Percebeu também que a miséria crescia na mesma proporção das cidades industriais e nestas, as condições de vida dos ex-camponeses eram miseráveis.

Nessa obra não realizou somente uma enumeração dos aspectos físicos e sim de um conjunto de informações e análises sobre a situação econômica, social e política; ou seja, uma análise geográfica. Analisou a penetração das relações capitalistas nos povos e notou que o progresso trazia benefícios aos setores dominantes e desvantagens para os pobres e os países colonizados.

O HOMEM E A TERRA (1905)

Sua principal obra foi *L'homme et la Terre*, publicada na França em 1905 (6 volumes, 3.589 páginas), onde já no título invertia a postura tradicional e que permanecerá por muito tempo: a terra e o homem. Escrita sem censura⁴, procurou, segundo o próprio autor, dar “[...] uma visão vertical da ação do homem na superfície da Terra, cobrindo duas categorias: espaço e tempo.” (RECLUS, 1985, p. 19). Afirmando que “a geografia é a História do espaço, enquanto a história é a Geografia do tempo”, se propôs a realizar uma *geografia social* e procurou analisar o processo histórico da humanidade, a distribuição da população, as formas de Estado e de governo, os problemas relativos ao trabalho, à colonização, à cultura, à educação e outros. Nesta obra estabeleceu claramente seus três conceitos fundamentais do desenvolvimento da sociedade humana e que devem estar presentes na análise geográfica. Propunha uma geografia da sociedade, mostrava que nenhum fator agia isoladamente, mas sim de forma complexa. Estabelecia correlações entre o espaço produzido e o processo através do qual havia sido produzido, procurando demonstrar a dinâmica das relações entre a sociedade e a natureza e a necessidade do constante reformular para o entendimento e o domínio do espaço.

Não aceitava uma lei geral para toda a humanidade, na sua mudança do estado tribal ao Estado, pois cada povo possuía seus próprios caminhos. Para ele, diversas épocas coexistiam, pois o presente trazia consigo os vestígios, as marcas, as cicatrizes do passado. Fazia a distinção entre a colônia de povoamento e a de exploração; chamava de colônia de povoamento aquelas resultantes da migração de famílias europeias para áreas pouco

4. A Editora Hachette negou-se a publicar essa obra sob o pretexto de que as conclusões eram anarquistas; conseguiu publicá-la na Inglaterra (1904) e só no ano seguinte na França.

povoadas com a pretensão de se estabelecer de modo definitivo. Em uma época em que não era comum aos geógrafos se preocuparem com as cidades, ele o fez, discutindo suas funções e alertando para os problemas.

No prefácio (“O Homem é a natureza adquirindo consciência de si própria”) estabeleceu as **leis fundamentais** de sua análise. Na primeira categoria de acontecimentos, afirma que,

[...] pelo desenvolvimento desigual nos indivíduos e nas sociedades, todas as coletividades humanas, à exceção das tribos permanecidas no naturismo primitivo, desdobram-se, por assim dizer, em classes ou castas, não apenas diferentes, mas opostas em interesses e tendências, inclusive francamente inimigas em todos os períodos de crise. [...]

O segundo fato coletivo [...] é o equilíbrio rompido de indivíduo a indivíduo, de classe a classe, balanceia-se constantemente em torno de seu eixo de repouso: a violação da justiça reclama sempre vingança. Daí as incessantes oscilações. Aqueles que comandam buscam permanecer os senhores, enquanto os subjugados esforçam-se para reconquistar a liberdade, depois, levados pela energia de seu ímpeto, tentam reconstituir o poder em seu proveito. [...] Ou, então, os oprimidos submetem-se, tendo esgotado sua força de resistência: morrem lentamente e apagam-se, já não tendo a iniciativa que faz a vida; ou, então, é a reivindicação dos homens livres que se impõe, e, no caos dos acontecimentos, pode-se discernir autênticas revoluções, [...]. Um terceiro grupo de fatos, [...] atesta-nos que nenhuma evolução na existência dos povos pode ser criada senão pelo esforço individual. É na pessoa humana, elemento primário da sociedade, que se deve buscar o choque impulsivo do meio, destinado a traduzir-se em ações voluntárias para disseminar as idéias e participar das obras que modificarão o comportamento das nações. [...]

A “luta de classes”, a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fatos que nos revela o estudo da *geografia social*, e que, no caos das coisas, mostram-se bastante constantes para que se lhes possa dar o nome de “leis”. (RECLUS, 2010a, p. 47-50)

Retomando, e com base em Andrade (RECLUS, 1985, p. 20-25), foram três os conceitos quanto à **natureza da Geografia**:

a) “**Pesquisa do Equilíbrio**”: as sociedades humanas (com exceção dos povos primitivos) estavam divididas em classes ou castas com interesses e tendências opostos.

b) “**A Luta de Classes**”: essa divisão de classes se baseava em um equilíbrio que podia ser rompido através da luta entre dominados

e dominadores, fato que seria a origem das guerras civis, das lutas entre os povos; a vitória do dominado alterava as estruturas sociais, mas a derrota aumentava o controle, sobre ele, dos dominantes.

c) "**Decisão soberana do indivíduo**": "[...] nenhuma evolução positiva pode se realizar sem esforço individual, sem o aperfeiçoamento do homem como pessoa." (Ibidem, p. 20). Este aperfeiçoamento levava, *naturalmente*, à formação de uma sociedade na qual as pessoas seriam mais livres.

Para Reclus "estas três ordens de fatos" se mostravam razoavelmente constantes, o que permitiria atribuir a elas o nome de *leis*. E que se devia aprofundar o estudo do planeta, visando "uma solidariedade mais consciente do indivíduo".

O estabelecimento da luta de classes não era uma novidade, mas foi colocada como uma necessidade de qualquer análise geográfica; isso era novo. O mesmo ocorria com o processo de busca de equilíbrio, também presente em outros autores, embora não geógrafos. Sua maior inovação estava no papel fundamental da mudança dos indivíduos e no peso que daria a atores individuais. "[...] ele inova antes de tudo e sobretudo ao religar essas três grandes leis e demonstrar que longe de excluírem-se mutuamente, elas coexistem e respondem uma à outra." (BOINO, in: RECLUS, 2010a, p. 36)

Tratou também da origem da família, das classes sociais e do Estado. De como alguém se "apossava" de determinada região, de um pequeno Estado, e se tornava o chefe; também da violência dos captores machos e do matriarcado e patriarcado. Estes, segundo ele, se desenvolveram lado a lado, conforme as vicissitudes dos homens (ganhando ou perdendo), "[...] sem nunca manter o ponto de equilíbrio enquanto instituição. Ponto de equilíbrio este que é a perfeita igualdade de direitos entre os indivíduos e, por conseguinte, entre os sexos." (RECLUS, 1985, p. 62) Das três formas de casamento primitivas (homem comprava a mulher; vice-versa; entre iguais), alguns vestígios ainda existiam, embora ainda fossem fundadas no direito do marido ou do pai. Inclusive a própria virtude era um monopólio do macho e esta pretensão exclusiva havia gerado todos os males: "[...] feroz ciúme do marido proprietário, brutalidade na educação dos filhos, queima das viúvas, prática e finalmente dever do infanticídio" (Ibidem, p. 63).

Esse instinto de apropriação não se limitou somente às pessoas e se estendeu às coisas, embora fosse uma propriedade de modo diferente do que

os economistas entendiam. Entretanto, as guerras foram “[...] uma das grandes causas, a mais importante de todas as que contribuíram para a instituição da propriedade privada. [...] A guerra é pois, por suas consequências, o artesão mais temível da desigualdade entre os homens.” (Ibidem, p. 67). Na maioria dos idiomas, os títulos dados a chefes e nobres tiveram origem nas lutas. Em muitos sistemas o homem abandonava sua dignidade; “[...] e é precisamente a quem lhe tirou o brio que ele passa a amar, respeitar e venerar mais que todos os demais. Como um cão, ele rasteja aos pés do dono que o insulta e que nele bate” (Ibidem, p. 68).

A tendência à imitação também é um dos fenômenos naturais que mais contribuíram ao desenvolvimento do espírito monárquico na humanidade: o fraco gosta de se modelar pelo forte, o pobre pelo rico, o feio pelo bonito, e até mesmo o bonito gosta de imitar o horrível que se torna soberano. (RECLUS, 1985, p. 69)

No capítulo VI, sobre divisões e ritmos da História, disse que não se poderia citar nenhum período da História que fosse idêntico a outro, que todos os ciclos eram sempre ampliados e desenvolviam indefinidamente no decorrer dos tempos (RECLUS, 1985, p. 100). Segundo ele, as condições mais favoráveis ao desenvolvimento de um grupo consistiam em viver em paz, mas não isolado, com frequentes trocas de visita com seus vizinhos. Se viver em guerras, a sociedade teria tudo a temer e seria atingida por desgraças. “Vencida, deverá se humilhar, aviltar-se, bajular o vencedor que a dizima e empobrece; vitoriosa, aclamará seus chefes triunfantes, elevando-os acima dos demais cidadãos e dando-lhes privilégios, e portanto, ocasiões para fazerem o mal; [...]” (RECLUS, 1985, p. 102) Estes vencedores, se aumentavam a superfície de seu território (por conquistas imediatas ou por colônias), as consequências seriam funestas para esse detentor: “[...] só poderá conservar sua conquista à força de crimes próprios do conquistador: brutalidade, recusa de justiça, violência e assassinato” (Ibidem).

Reclus falou da dificuldade em se saber sobre a verdade histórica, que a teocracia tinha seus historiadores, que seria diferente a descrição do mesmo fato feita de forma “imparcial” por dois escritores honestos com patriotismos diferentes. Como os iluministas, não acreditava na tradição, pois fatos “[...] narrados pelos ancestrais não podem inspirar nenhuma confiança, pois não foram esclarecidos pela discussão de testemunhos contraditórios: [...]” (Ibidem, p. 106). Mas não bastava saber da incerteza “dos anais e lendas reunidas sob o

nome de História". Mentiras ocupavam as lembranças, narrações bíblicas eram ainda contadas nas escolas como verdadeiras, "Os personagens dominantes, diante dos quais se faz desfilar os séculos, são os homens funestos que suscitaram o ódio entre os povos e buscaram sua glória no confronto e no esmagamento dos exércitos: [...]" (Ibidem)

Afirmava que "humanismo", embora restrito em número de pessoas, era quando o indivíduo tendia "[...] a manifestar-se em todo o esplendor de sua pessoa, desembaraçado das múltiplas travas dos costumes e das leis". (RECLUS, 1999, p. 111) Em sua visão, "[...] o valor das sociedades se mede pelas individualidades fortes, conscientes de si mesmas, que nelas surgem." (Ibidem)

Dizendo que os que se aproximavam da verdade científica se distanciavam da fé, atacou a Igreja cristã, principalmente na maldição que ela, segundo ele, pronunciara contra o corpo e que uma grande revolução ocorreria porque havia caído o dogma do pecado original que havia ensinado a depreciar o corpo ou "a ver nele o receptáculo de todos os vícios." (Ibidem, p. 117) Com o Renascimento

[...] a mulher, metade da humanidade, reconquistou então praticamente uma débil parte da vida social que lhe havia negado a Igreja, e pôde sair do círculo da família e da sombra das abóbadas e conventos; grande número delas até chegou a ser célebre por seu conhecimento, seu gênio inventivo e sua energia; em muitas famílias nobres, as filhas participavam plenamente da educação de seus irmãos. (RECLUS, 1999, p. 117)

Lembrou que a Igreja espanhola havia proibido o uso da água pura, condenara os banhos que os descendentes dos árabes tomavam e que "a sujeira de uma princesa foi elevada a heroísmo." (Ibidem, p.118) Os artistas agora tinham adquirido o direito de ver a natureza e os homens como eles realmente eram. Entretanto, afirmou que antes o progresso fora facilitado "[...] pela constituição de uma forma de propriedade muito menos injustamente distribuída que a que havia existido antes e a que será após a Reforma." (RECLUS, 1999, p. 121)

Falou da invenção da imprensa e de sua importância como ponto de partida de uma revolução intelectual e moral, da criação de novas utopias de caráter mais elevado, dos conflitos da formação de Estados (por soberanos enlouquecidos pelo poder e pela adulação), e da decadência da Espanha no período por causa de sua ligação umbilical com a Igreja Católica. E teceu críticas

duras aos padres, à Inquisição⁵ que desejava exterminar heréticos, judeus (obrigados a serem batizados ou então a migrar), mouros e pensadores livres.

No volume V (*Repartição dos Homens*) afirmou que o crescimento urbano não resultava somente de fatores negativos como também de positivos. Citou a supressão de terrenos comunais, a mecanização do campo, a necessidade de trabalhadores nas indústrias e também a atração que a cidade exercia, como um local de modernidade, multidões, luzes, cultura e anonimato. Em 1866 já afirmava:

Bem pouco numerosos são os emigrantes que podem realizar seus sonhos de fortuna; muitos deles encontram a pobreza, a doença, uma morte prematura nas grandes cidades, mas ao menos aqueles que vivem puderam ampliar o círculo de suas idéias; eles viram lugares diferentes uns dos outros; formaram-se em contato com outros homens; tornaram-se mais inteligentes, mais instruídos, e todos esses progressos individuais constituem para a sociedade inteira uma vantagem inestimável. (RECLUS, 2010c, p. 79/80)

“Quando as cidades crescem, a humanidade progride, quando diminuem, o corpo social ameaçado regride à barbárie.” (Ibidem, p. 37) Mesmo no sistema burguês, capitalista, elas poderiam ser fatores de progresso, notadamente no caso da higiene, do saneamento, pois tendo os burgueses de viver ao lado dos trabalhadores eles necessitavam melhorar a infraestrutura da higiene.

O ar das cidades ainda estava “carregado de princípios de morte.” (RECLUS, 2010c, p. 81) As cidades, já no começo da era das ferrovias, se tornavam imensas, acima das quais pesava “uma abóboda cinzenta de fumaça”; eram “[...] mais complexas, mais fervilhantes de matéria humana e de máquinas prodigiosas”. (Ibidem, p. 32) As cidades de “ar impuro, de contágios mortais, de lutas desordenadas” também eram locais onde brotaram novas ideias, geraram novas obras e eclodiram revoluções.

Analizou os fatores de localização das cidades, mas o que mais o incomodava era a organização socioespacial urbana desigual, que ele condenava e para a qual propunha alterações. A existência do antagonismo entre burguesia-Estado e explorados-dominados, fazia com que o embelezamento urbano somente beneficiasse alguns moradores; escreveu que os bairros

5. “Esses defensores da fé se encarniçaram contra todo pensamento independente. Seu primeiro cuidado foi queimar as bibliotecas e fechar as escolas e os banhos; depois, dirigiram-se ao que restava do passado, derrubando os edifícios, cobrindo as obras mestras de arabescos com grosseiros rebocos, abandonando os trabalhos de irrigação [...]” (RECLUS, 1999, p. 130)

suntuosos tinham como contrapartida casas sórdidas. E mais: o embelezamento do centro tinha também a finalidade de expulsar para a periferia as populações pobres:

Todavia, numa sociedade na qual os homens não têm assegurado o pão, na qual os miseráveis e, inclusive, os famélicos ainda constituem uma forte proporção dos habitantes de cada grande cidade, é só um bem parcial transformar os bairros insalubres, se os infelizes que outrora os habitavam encontram-se expulsos de seus antigos casebres para irem procurar outros no subúrbio e levar para mais ou menos longe suas emanações infectas. (RECLUS, 2010b, p.68/69)

Cidades surgem, cidades morrem, cidades mudam de lugar; as razões: capricho de um soberano, pestilências, mudanças no comércio, importância histórica de algumas riquezas, substituição de uma estrada por outra via mais favorável, e outras. “Pois a geografia não é algo imutável; ela faz-se, refaz-se todos os dias: a cada instante modifica-se pela ação do homem.” (RECLUS, 2010b, p. 59)

O capital fundava cidades contrárias aos interesses gerais, destruía grupos humanos que só queriam viver, enfeava as cidades com suas exigências. Em “[...] nossos dias de extrema divisão do trabalho, em que a força militar tornou-se praticamente independente da nação, e nenhum civil pode ingerir-se dando sua opinião em matéria estratégica, [...]” (Ibidem, p. 61), muitas cidades se tornaram mais feias. Também pela invasão de grandes indústrias manufatureiras, assombrando vários subúrbios “[...] repletos de chaminés fétidas, atravessados de ruas obscuras: imensas construções ladeiam-nas, cegas ou perfuradas de inumeráveis janelas de repugnante simetria.” (Ibidem, p 63)

Abordou ainda nessa obra a “bárbara especulação”, a reserva de determinados cantos para o capital, os arquitetos que construíam casas sem visitar os locais, a necessidade de saneamento. Se, como ele afirmou, “as enfermidades de uns acarretavam aquelas dos outros”, nenhuma cidade ignorava a importância do saneamento “[...] pela limpeza das ruas, abertura de praças gramadas e floridas, sombreadas por grandes árvores, rápida coleta de todas as imundícies e distribuição da água pura em abundância em todos os bairros e em todas as casas.” (Ibidem, p. 65) O grande problema era que as cidades (assim como os Estados) possuíam governantes que se ocupavam “sobretudo de seus interesses privados”.

Uma das diversas soluções para os problemas urbanos (além da supressão da desigualdade pelo estabelecimento da anarquia) seria o estabelecimento de cidades jardins. Mas “[...] são sempre privilegiados que habitam as cidades-jardins e a boa intenção dos filantropos não é suficiente para conjurar as consequências do antagonismo que existe entre o Capital e o Trabalho.” (Ibidem, p. 74) O que ele sonhava era que todas as pessoas conseguissem “[...] respirar o ar em quantidade suficiente, desfrutar plenamente a luz do sol, saborear a beleza das folhagens e o perfume das rosas, alimentar generosamente sua família sem temer que o pão [...]” (Ibidem, p. 73) viesse a faltar. No final afirmou que “Os ingleses demonstraram largamente que o ‘civilizado’ leva a melhor sobre o selvagem na arte de matar o próximo, [...]” (Ibidem, p. 118).

No capítulo VII abordava a propriedade e a cultura feita na terra. Segundo ele, o poder dos reis e imperadores era limitado, mas o da riqueza não, pois “o dólar é o senhor dos senhores”. O modelo do civilizado “[...] é de se preparar para o lucro, tencionando comandar os outros homens através do dinheiro todo-poderoso. Seu poder aumenta na proporção exata de seu haver.” (Ibidem, p. 75)

As posses coletivas influenciavam “[...] no caráter moral dos indivíduos e desenvolvem enormemente o espírito de solidariedade, de ajuda mútua e de cordial afabilidade; [...]” (Ibidem, p. 81/82) Na Europa Ocidental haviam sido extintas essas formas, pois os “senhores” pediam o amparo de leis que eles mesmos ditavam ao Estado para anexar o melhor quinhão das comunas. A divisão da terra em grandes propriedades tornou-se regra em diversas regiões, onde aqueles que nela realmente trabalhavam foram normalmente expulsos de qualquer parcela de posse. O latifúndio comporta, em sua essência, “a privação de terra para um grande número: se alguns têm muito, é porque a maioria não tem nada.” Onde existia uma divisão que permitia o sustento de uma família, ela era fruto de conflitos “que se produziram na sucessão dos séculos entre os interesses opostos”.

“Do mesmo modo que entre a propriedade coletiva e a propriedade privada, a guerra é travada eternamente entre a grande e a pequena propriedade; [...]” (Ibidem, p. 88) Mencionou exemplos dos obstáculos oferecidos pelas grandes propriedades, analisou o rendeiro e o meeiro (a falta do interesse pelo que pode acontecer à terra) e o aparecimento das associações financeiras para as quais a terra era somente um valor cambiável representado por papéis.

Reafirmou que em diversos lugares a situação do agricultor era “inferior ao que exige a dignidade humana”. Que o camponês, como era conhecido, estava em vias de desaparecimento: “ao mudar o modo de propriedade da terra, ele também muda.” Cada vez mais o trabalhador rural e/ou o pequeno proprietário se aproximavam da situação do operário urbano.

Por tudo isso, Reclus falava em geografia social – e não em geografia humana –, afirmava que, o que mais importava, era a contribuição que a ciência geográfica poderia fornecer à solução dos problemas sociais⁶ e que, uma de suas funções, era procurar explicar a origem desses problemas. Por isso, procurou realizar uma análise geográfica da dominação política e insistir na necessidade de libertação, realizando, frente à geopolítica da época, uma contrageopolítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reclus, este autodidata, que buscou explicar os problemas sociais – e buscar soluções – através da Geografia, sem compartimentá-la, foi propositadamente colocado no ostracismo por sua militância anarquista. A sua visão política transparecia em suas obras e nos conceitos que explicitava em relação à Geografia.

Ele foi contemporâneo de Ratzel (1844-1904) e de La Blache (1845-1918). Mas foi esquecido. Algumas obras dos três foram publicadas quase que ao mesmo tempo. Enquanto a geografia social de Reclus colocava em relevo modos de produção, sistemas de exploração capitalista e de opressão estatista, tipos de propriedade (sua origem e a justiça de sua posse), processos de povoamento e outros, Vidal, como afirmou Paul Boino, “[...] construiu uma geografia regional embasada na descrição das paisagens e numa geografia humana repousando no estudo dos tipos de vida.” (In: RECLUS, 2010a, p. 12)

O que realmente incomodava os integrantes da Escola Regional Francesa era o anarquismo, a concepção inovadora, engajada de Geografia e as opções pedagógicas de Reclus. Quem fazia análise da religião como ele, quem evocava constantemente as questões de poder e do Estado, seria contra as pretensões do governo francês e dos conservadores. A França, após 1870,

6. “Não temos nada a delinear por antecipação sobre o quadro da sociedade futura: é à ação espontânea de todos os homens livres que cabe criá-la e lhe dar a sua forma, aliás incessantemente variável como todos os fenômenos da vida.” (RECLUS, 2011, p. 109)

vivia com a lembrança da Comuna de Paris e mergulhada no clima de revanche em relação à Alemanha. Reclus, um ex-comunardo e anarquista (o que já era suficiente para não ser aceito “oficialmente”), era contrário ao uso da Geografia “apolítica” e ainda como um instrumento de poder e de doutrinação.

[...] a geografia devia ser simultaneamente um meio para compreender o mundo, analisar seus desequilíbrios, tentar circunscrever qual poderia ser seu equilíbrio, e também um instrumento para formar cidadãos no sentido anarquista do termo e um instrumento para a ação política. Em sua perspectiva, ciência e política estavam indissoluvelmente ligadas. (BOINO, in: RECLUS, 2010a, p. 20)

As destruições provocadas no espaço geográfico europeu pela Segunda Grande Guerra abrem novas perspectivas aos geógrafos de participação no planejamento e na reconstrução. Alguns defendiam a aplicabilidade do conhecimento geográfico e colaboravam com os governos federais; outros criticavam essa aproximação. As discussões sobre essas divergências fizeram com que se aproximassem de outras ciências sociais e que muitos passassem a dar mais atenção às questões teóricas e a procurar respostas no marxismo.

Nos anos 1950, sob a influência de Pierre George (1909-2006), com as tentativas de fundar uma nova corrente (geografia radical), foi que começaram a redescobrir Reclus. Entretanto, o fato de a maioria desses geógrafos ser marxista fez com que rejeitassem análises reclusianas. Como afirmou Paul Boino:

Para esses geógrafos marxistas, o espaço só podia ser o produto de uma história, determinada ela própria pelas relações de produção. A *contrário*, para Reclus, o espaço não era simples e unicamente um reflexo do sistema econômico. O espaço era simultaneamente um reflexo da sociedade, uma aposta social, um quadro de realização das relações sociais e um fator influente na sociedade. Além disso, Reclus, sendo anarquista, não considerava que tudo era redutível à única questão das relações econômicas e de sua evolução histórica. (BOINO, in: RECLUS, 2010a, p. 16/17)

Como, logo após a Segunda Grande Guerra, diversos geógrafos da corrente radical eram ligados ao Partido Comunista Francês, sua obra acabou não sendo “exumada”. Além disso, Reclus sempre defendeu a unidade da Geografia e eles tentavam se basear em Marx que fez mais análises anespaciais.

O XX Congresso do Partido Comunista da URSS (1956), as invasões da Hungria (1956) e da antiga Tchecoslováquia (1968) levaram a discussões sobre aplicabilidade do socialismo, sobre o modelo soviético, e provocaram o *ressurgimento* de Reclus. Redescobriu-se um Reclus já ultrapassado em suas descrições – pois a realidade era outra –, mas atual em uma série de questões levantadas por ele, como a da análise das estruturas econômicas, políticas e sociais, do crescimento industrial-urbano, das formas de dominação, do caráter imperialista da expansão colonial, através da farsa de estar levando a outros povos a verdadeira religião e os valores da civilização ocidental.

Portanto, no início da década de 1970, a crise do marxismo e da Geografia na França, em razão de outras ciências abordarem de modo mais adequado o espaço natural e de certo número de ciências sociais começarem a tratar da questão das relações entre a sociedade e o espaço, procurou-se mais por Reclus⁷. Para Yves Lacoste, o primeiro *grande* geógrafo da França não foi Vidal de la Blache e sim Élisée Reclus; e para

[...] o grande pensador anarquista, a geografia não somente não pode ignorar os problemas políticos, mas ela permite colocá-los melhor, ou revelar a importância dos mesmos. [...] ... seu nome foi cuidadosamente esquecido na Universidade, em particular por aqueles que ‘pilharam’, sem vergonha, os dezenove tomos de sua grande **Geografia Universal**, às vezes para se utilizar de numerosas passagens dessa obra naquela que estava colocada sob a patronagem de Vidal. (LACOSTE, 1988, p. 105-106).

De qualquer maneira, Élisée Reclus teve o mérito de conseguir fundir seu ideal político com sua *práxis* profissional. Sua concepção do dinamismo das relações entre o homem e o meio, do dinamismo da organização territorial, da Geografia como um instrumento de transformação da realidade e da incorporação do papel do Estado e das relações entre as classes sociais como algo essencial da análise geográfica, são concepções fundamentais para a reflexão da Geografia como uma ciência social, como uma ciência a serviço da vida. Enquanto os geógrafos conservadores defendiam pontos de vista que iam ao encontro aos interesses do Estado e das classes dominantes, ganhando cátedras universitárias e posições de destaque nos governos, o libertário Reclus,

7. “[...] para Vidal, é a região que produz, enquanto para Reclus, são os operários e os camponeses. [...] é o Norte que explora o Sul, enquanto para os anarquistas são burguesias do Norte que exploram proletários ao Norte bem como ao Sul, [...]” (BOINO, in: RECLUS, 2010a, p. 25) A partir de 1976, a revista *Hérodote* consagrou a ele diversos artigos, um número inteiro (em 1981) e foi realizado um colóquio sobre ele em Bruxelas (1985).

por ser contrário à existência do Estado e se colocar ao lado dos dominados, foi excluído das cátedras, de seu país e dos compêndios de Geografia.

Ele pregava o fim de qualquer dogma, de intervenção sobrenatural, de chefia, de obediência cega, e o direito de todos exprimirem seus pensamentos, com a única reserva do respeito pelo outro. Há atualmente a necessidade de se avaliar se geógrafos terão o desejo de retomar o pensamento reclusiano para fazer da Geografia um instrumento de compreensão à altura da complexidade que o mundo de hoje requer.

ANARCHISM AT ÉLISÉE RECLUS' GEOGRAPHY

Abstract: The article proposes to perform an analysis of the anarchism ideology's presence at Élisée Reclus works published in Portuguese. His texts have as main core the frontiers disappearing, the solidarity with no sexual distinction and the abolition of privileges, power, religion and State. It was anti-determinist, anti-clerical, anti-social Darwinist and in favor of gender equality. Tried to explain the social issues thought Geography, without compartmentalizing it, and was put in ostracism because of his anarchist view. The class conflict was placed as a need to any Geographic analysis, as well the search of balance process and the crucial role of the individual change. He performed a Geographic analysis of the political domination and insisted in the liberty need. According to his perspective, Science and Politics were indissolubly connected.

Keywords: Élisée Reclus; anarchism; geography; freedom.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Luciene Pereira Carris Cardoso. "A visita de Élisée Reclus à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro". *Revista da Sociedade Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 01, n. 01, 2006, p. 1-15. (ISSN 1980-9387) Disponível em <http://www.socbrasileira-degeografia.com.br/revistasbg/luciene%20p%20c%20cardoso.html>. Acesso em: 06 de setembro de 2010, às 21hs30min.

HAESBAERT, Rogério. A Nova Orleans de Élisée Reclus e as contradições da "América". *GEOgraphia* (UFF), Niterói, a. 07, v. 14, p. 113-118, 2006.

KROPOTKINE, Pedro. *A Conquista do Pão*. 3. ed. Lisboa: Guimarães & Cia Editores, 1975, 269 p. (prefácio de Elisée Reclus) – C. Biblioteca Sociológica. (1. ed.: 1888)

LACOSTE, Yves. *A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas, SP: Papirus, 1988.

RECLUS, Élisée. *Histoire d'un ruisseau*. Paris: J. Hetzel et Cie., 1869 (Bibliothèque d'Éducation et de Récréation)

_____. *Élisée Reclus: geografia*. São Paulo: Ática, 1985 (C. Grandes Cientistas Sociais, 49).

_____. O Renascimento. *El Hombre y la Tierra*, Vol. 4, cap. XI, Casa Editorial Maucci, Barcelona, s/d. Tradução de Ruy Moreira. *GEOgraphia* – Ano 1 – N. 2 – 1999, p. 109-135.

_____. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário, 2002. Tradução de Plínio Augusto Coêlho (1. ed. francesa: 1898).

_____. *Da ação humana na Geografia Física; Geografia comparada no Espaço e no Tempo*. São Paulo: Expressão e Arte: Editora Imaginário, 2010a, 96 p.

_____. *Renovação de uma cidade; Repartição dos Homens*. São Paulo: Expressão e Arte: Editora Imaginário, 2010b, 95 p.

_____. *Do Sentimento da Natureza nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Expressão e Arte: Editora Imaginário, 2010c, 95 p.

_____. Por que somos anarquistas? *Boletim Campineiro de Geografia*. Campinas (SP): Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Campinas, vol. 1, n. 1, 2011, p. 106-109 (Tradução de Rui Ribeiro de Campos) ISSN: 2236-3637 – <http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/index>.

Sobre o autor

RUI RIBEIRO DE CAMPOS. Licenciado em Filosofia e Geografia, professor por 25 anos no ensino médio, Mestre em Educação pela PUC-Campinas e Doutor em Geografia pela UNESP - Rio Claro. Autor de “*Breve Histórico do Pensamento Geográfico Brasileiro nos Séculos XIX e XX*” (Paço Editorial, 2011), é professor na PUC-Campinas de História do Pensamento Geográfico e Geografia Política.

Recebido para avaliação em 03 de junho de 2012

Aceito para publicação em 15 de julho de 2012